

## **DISCIPLINA: JC012 ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2018- (LABJOR-UNICAMP)**

**(60 horas)**

Professora - Susana Dias (Grupo multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações e Orssarara Atelier and Collective)

### **Projetos**

- “Por uma nova ecologia das emissões e disseminações: como a comunicação pode modular a mais intensa potência de existir do humano diante das mudanças climáticas?” (CNPq).
- "Imediações aberrantes: processos de pesquisa-criação entre artes, ciências e filosofia para experimentação da comunicação como ecologia de afetos" (Pibic-Faepex)
- Revista ClimaCom: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

### **PROPOSTA**

“Perdemos o cosmos”. Esta frase do poeta Lawrence em *Apocalypse*, lançado em 1931, ressoa de modo intenso com as buscas desta disciplina. Sua atualidade, hoje, após 87 anos, traduz um processo de degradação catastrófico crescentemente acelerado, mensurado intensamente pela comunidade científica das mais diversas áreas e exposto constantemente pelos mais diversos papéis-mídias (jornais, revistas, papel-tela-do-cinema, papel-multimídia, papel-tela-da-tv...). A desconexão dos humanos com a Terra tornou-se uma preocupação importante e tem movimentado o pensamento filosófico e as produções artísticas, mobilizando operações que passam pelo diagnóstico e definição dos tempos que vivemos – Antropoceno, Mudanças Climáticas (comunidade científica), Fins-de-Mundos (Débora Danowski e Viveiros de Castro), Tempo das Catástrofes/Instrusão de Gaia (Isabelle Stengers), Capitaloceno (Andreas Malm e Jason Moore), Chthuluceno (Donna Haraway), Plantatioceno (Ethnos, Dinamarca)... –, pela problematização e avaliação dos modos de vida involucrados no pensamento e na escrita e pela experimentação de novos modos de existência através das mais diversas “intervenções”, para usar uma palavra que a filósofa da ciência Isabelle Stengers (2015) diz definir a proposta do seu livro “No tempo das catástrofes”. “Intervir”, diz ela, “requer certa brevidade, pois não se trata de convencer, e sim de transmitir para ‘aqueles a quem isso pode afetar’ o que nos faz pensar, sentir e imaginar”.

Logo, como insiste Donna Haraway, não se trata de nos identificarmos com um certo tempo/uma era/uma época, mas de um combate: “Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos

imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios”. Trata-se de um engajamento necessário num combate incerto e vital: criar novos modos de narrar capazes de “reunir as complexidades e manter as bordas abertas e ávidas por novas e velhas conexões surpreendentes (CLIFFORD, 2013 *apud* Haraway, 2016)”. Um engajamento que passa pelo escrever e pelo aprender com as coisas-seres-dos-mundos.

E “o problema do escrever”, nos diz Gilles Deleuze em seu livro *Crítica e Clínica* (2011), dedicado a pensar-experimentar com a literatura, é “também inseparável de um problema de ver e ouvir” (p. 9). Dito de outro modo, nossos modos de perceber e o funcionamento das imagens, palavras e sons na comunicação fazem parte do problema da impotência e da expropriação das forças criativas do humano que precisamos enfrentar. Imagens, palavras e sons não são apenas descrições e representações de um mundo que está fora delas, antes estão implicadas na gravidade das alterações ambientais e das violentas lógicas que atravessam as relações dos humanos com a Terra, com as coisas-seres-dos-mundos (Dias; Rodrigues, 2015).

Como diz Alain Robbe Grillet, em *Por um novo romance: ensaios sobre uma literatura do olhar nos tempos da reificação* (1969), “todos aqueles que decidem escrever um romance, decidem inventar um homem”. Um convite a pensar que todo livro, tese, artigo, notícia, filme, vídeo, fotografia... reclama a criação de uma vida nova, envolve uma arte de pedir licença para escutar uma vida em nascença constante, para escutar a instauração de um novo modo de existência, e que afeta/intervém no modo de existir dos humanos (Souriau, 2017).

O que nos coloca a urgência de exercitarmos composições-pensamentos sensíveis num tom menor (filmes, ensaios fotográficos, performances, escritas etc.) para tornar possível o aparecimento desses acontecimentos cósmicos. E isso só se pode fazer aprendendo com a Terra, num intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros “terranos” (Latour, 2014), entrando no duro trabalho de composição de um comum que não está dado (Stengers, 2015; Latour, 2015). É preciso “fazer-como” (Deleuze & Guattari), ou tornar-fazer-com (Haraway, 2016), as florestas que ardem, as nuvens que desaparecem, o céu que cai, a terra ressequida, os rios soterrados, as populações sem territórios, os animais que morrem...

Não é suficiente escutar a “voz do outro”, “dizer sobre” essas catástrofes, nem “representar” esses povos. Não é possível ocupar o lugar do outro, antes é necessário abrir algo de vegetal, animal, mineral, aéreo, solar nesses novos modos de combate, nesses novos modos de escrever-pensar-pesquisar, ou seja, engajar-se na invenção de um novo homem, de uma potência de existir do

humano. O que é o mesmo que dizer que é preciso criar alianças com as forças não-humanas e sobrenaturais. E criar alianças é celebrar encontros inimaginados e imprevistos, é produzir parentescos aberrantes, proliferar filiações impossíveis, fazer florescer arranjos multiespécies ricos (Haraway, 2016). É “fazer pegar de novo – como se diz das plantas – a capacidade de pensar e agir juntos” (Stengers, 2017).

O que passa pela alteração de nossas matrizes perceptivas, por uma mudança radical em nossos modos de ver, escutar, perceber as coisas-seres-dos-mundos. Um chamado a entrar num outro ponto de vista, pelo qual simpatizamos, somos atraídos e que, ao mesmo tempo, nos devora e faz de nós e dos outros, um outro do outro (Viveiros de Castro, 2015). Um chamado à experimentação, a “Devorarse os propios ojos, una e outra vez, como princípio de composição”, como propõe o cineasta Sebastian Wiedemann (2016, p.9). Deixar-se povoar pelas coisas-seres-dos-mundos, deixar-se experimentar através de infinitas e caleidoscópicas relações com as coisas-seres-dos-mundos, entre os quais também estão seres ancestrais, entidades míticas e comunidades de forças espirituais, como se aprende com os Yoruba. “Na nossa cosmovisão, uma árvore não é somente aquilo que fisicamente vemos e chamamos árvore. A árvore de obi que está lá no Casarão é um espírito crescendo devagarzinho e/ou uma morada de espíritos, simbolizando ou encarnando certas realidades espirituais”, como nos contam o babalorixá nigeriano Faseyi Awogbemi Dada e ialorixá e pesquisadora Glória Freitas Dada (2018). Efetuar encontros que tenham a potência de “reabrir a questão do mundo”, como propõe Emanuele Coccia “a partir da vida das plantas”. Para este filósofo somente “En frente ao mundo y la naturaleza que el hombre puede verdaderamente pensar” (Coccia, 2016).

Já Deleuze e Guattari (1992) diziam que escrever-pensar-criar é sempre um caso de devir, de devir-animal, devir-criança, devir-mulher, devir-molecular, devir-imperceptível... E fazer devir é “acoplar-se com as forças não humanas que nos dragam para fora de nossa humanidade” (Ferraz, 2015). Escrever-pensar-criar como quem brinca, como quem entra num estado de ludicidade, onde se torna capaz de captar a força do animal e da criança, que agem como intensificadores das experiências, produtores de mais valia de vida (Massumi, 2017). E se os devires são sempre menores, é porque não somos nós, os humanos, que mostraremos o caminho, mas talvez caminhos possam ser abertos em nós, em que os humanos se descubrem misteriosas passagens cósmicas. É quando, talvez, possamos perceber que a criação não pertence ao homem, antes ele se torna digno de ser um meio entre os meios, ser um meio de dar passagem ao caráter divino de qualquer criação.

O devir convida, ao mesmo tempo, à percepção de um fracasso da noção de humanidade e à

reinvenção constante de um outro “nós” por meio de alianças. Alianças que interrompem e escapam ao controle do humano, que convocam uma atenção constante à vida, que só se efetua com um desvio das lógicas tristes: do julgamento, do ressentimento e do lamento (Lapoujade, 2013). Alianças que restituem a possibilidade de nos voltarmos àquilo que interessa, de inventarmos meios de produzir pausas, silêncios, desacelerações nas lógicas dominantes que insistentemente determinam e repõem a forma homem, um “nós” já dado. Abrir um Cosmos em escritas, vídeos, performances, ensaios fotográficos, oficinas, caminhadas, aulas... para libertar o humano de tudo o que o aprisiona, de tudo que permite que a tolice e a impotência o povoem. Livrar-se da humanidade para realizar o irrealizável (Lapoujade, 2013).

É preciso levar a sério a formulação de que “Não estamos sós” (que Stengers formula (2017), mas que está presente em tantas outras vozes, ressoa em tantos cantos), levar a sério um processo de “descolonização do pensamento” (Viveiros de Castro, 2015), levar a sério uma crítica ao antropocentrismo, à centralidade e excepcionalidade do humano, levar a sério uma crítica à xenofobia e ao etnocentrismo, em todos os níveis, âmbitos, gradientes e dimensões. Neste caso, numa disciplina dentro de um programa de Pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural, trata-se de levar a sério essas críticas no âmbito da comunicação. E, para isso, é preciso inventar novos modos de estar-junto das coisas-seres-dos-mundo, novas maneiras de aprender e dar atenção às coisas-seres-dos-mundos, novas possibilidades de pensar-escrever-criar que se lancem ao desafio criar encontros entre heterogêneos, de celebrar encontros cósmicos por entre ciências, filosofia, artes, artesanatos, religiões... Isso porque criar esse estar-junto é um modo de resistirmos a nós mesmos e ao capitalismo, a todas as forças que nos querem débeis, temerosos e medíocres. Por isso não podemos abrir mão de nada que traga uma eficácia para um tornar junto.

Mas trata-se de um estar junto que não existia antes, em que não existimos como antes, em que comunidades muito distintas, sob lógicas também distintas, se reúnem, em que nos abrimos a uma “conversa interes-telar entre estrelas bem desiguais, cujos devires diferentes formam um bloco móvel que se trataria de captar, um intervôo, anos-luz” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.14). Abertura que eu defendo (desde minhas pesquisas de mestrado e doutorado) ter como espaço-tempo privilegiado de experimentação o papel (Dias, 2008): o papel-livro, papel-fotografia, papel-revista, papel-tela-do-cinema, papel-pintura, papel-tela-do-computador, papel-tessitura-bordado...

O papel como uma superfície potencial de um pensamento-Terra, de uma experimentação-natureza, de uma escrita-vida, cujos limites não são as condições de uma época, as propriedades e estados das coisas, mas os devires que desatam todo um novo campo perceptivo. O papel como um

microlaboratório de montagens sensíveis, ateliê de uma conversação nômade, a cada vez diferente, capaz de esvaziar o que há de humano demais em nós e de nos lançar numa aventura infinita, povoada por um coletivo de forças sem nome. Um devir-qualquer-coisa do papel que coloca a possibilidade de que o papel possa, para além das apostas dominantes de repetir a vida, gerar uma vida nova, além do visível, além do vivido, ou seja, ter vida própria. O papel como um tabuleiro cósmico que nos expõe ao papelar, devorando qualquer possibilidade de guardar-nos no jogo das sintaxes pré-definidas e das gramáticas audiovisuais dominantes, porque a pergunta que o papel nos coloca é: como celebrar composições sensíveis que inventem um modo de estar-junto em tom menor? (Dias, 2017).

É para explorar esta questão que proponho nesta disciplina ganharmos intimidade com a floresta, termos a floresta como parceira de pensamento, escrita e produção audiovisual. Fazemos floresta “por outros meios” (Wiedemann). E, para isso, propus que a disciplina fosse dividida em três blocos: DA INTIMIDADE COM OS MATERIAIS; DO APRENDER A PENSAR COM A TERRA; DA ATENTIVIDADE E RE-LIGAÇÃO COM A MULTIPLICIDADE DE MODOS DE EXISTÊNCIA. Em cada bloco estão propostos encontros com pessoas que buscam entrar em relação com a natureza (com ondas, árvores, seres espirituais etc.) através de procedimentos distintos. Os artistas Sebastian Wiedemann (cineasta e pesquisador) e Eduardo Salzane (escultor e poeta), no primeiro bloco; o cientista David Lapola (coordenador do projeto Amazon face) no segundo bloco; e o balalorixá nigeriano Faseyi Awogbemi Dada e, sua esposa, a ialorixá e pesquisadora Glória Freitas Dada (da Religião Tradicional Yoruba) no terceiro bloco. Além dos textos produzidos pelos convidados, e ofertados a vocês para leitura, escolhi quatro livros que conheci recentemente, e que me colocam numa situação de uma certa vulnerabilidade corajosa junto a vocês, porque não são livros que tenha trabalhado intensamente nos últimos anos, mas sim livros que quero aprender a estudar junto: *O livro das sonoridades*, de Silvio Ferraz; *La vida de las plantas*, de Emanuele Coccia; *O que os animais nos ensinam de política?*, de Brian Massumi; *Los diferentes modos de existência*, de Étienne Souriau. Na bibliografia complementar, que denominei “Bibliografia ativadora de relações” estão, por sua vez, textos que tenho estudado nos últimos anos e que serão movimentadoras de conexões com os quatro livros propostos. Tais leituras serão experimentadas nas aulas não apenas através de uma conversa/debate mas por meio da invenção de passagens incessantes entre o ler-falar-escrever-desenhar-pintar-costurar-tecer etc. Uma aposta na necessidade de colocarmos o corpo para pensar, de fazer corpo com as coisas-seres-do-mundo, uma aposta que levamos a sério em nosso grupo de pesquisa do Labjor-Unicamp, o multiTÃO, no ateliê Orssarara, que eu e Sebastian Wiedemann coordenamos, e na revista ClimaCom, o nosso principal projeto atualmente. Uma aposta de quem trabalha com comunicação-divulgação, para quem só faz

sentido uma ideia de leitura ligada à escrita (ler é escrever), assim como uma ideia de escrita expandida, que passa não apenas pelas palavras, mas pelos mais diversos materiais e procedimentos, pelos mais diversos problemas.

Um escrever (seja por imagens, palavras, sons, tintas, corpos...) que aqui, nesta disciplina, busca se afetar pelos não-humanos – uma ênfase muito importante hoje dos estudos de ciência e tecnologia, nos estudos multiespécies, nas chamadas linhas de pensamento pós-humanistas. Trata-se de ganhar intimidade com a floresta, conviver com as coisas seres do mundo, e correr o risco de ser devorado por eles. Co-evoluir perto-dentro-junto às florestas, em que nada está só e tudo se converte numa complexidade viva, numa multirelacionalidade em constante transformação, transmutação. Trata-se menos de pensar em comunicar a floresta, como se ela já estivesse dada e estática, e mais um entrar em comunicação com uma floresta que está em constante formação e movimento. Talvez, assim, quem sabe, nos tornemos dignos que de a floresta entre em comunicação conosco, sejamos dignos de que ela prolifere por escritas, imagens, sons, numa nova e original emoção, em novos modos de existir e afetar.

## **BLOCO I - DA INTIMIDADE COM OS MATERIAIS**

### **AULA 1**

#### **07/03 Labjor-Unicamp (14 às 17h) - Vida, papel e acontecimento: do ter a floresta como parceira de escrita, pensamento e produção audiovisual**

Apresentação do programa da disciplina ou de como fazer do papel um laboratório-ateliê de composições sensíveis, aberto a ecologias de emissões e disseminações aberrantes, capazes de ativar conexões potentes e eficazes entre as coisas-seres-do-mundo.

*Mesa de trabalho 1: Floresta de papel*

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Ana Godoy e Mara Verônica. *ClimaCom - Vulnerabilidade*, ano 3, n.5, abr. 2016, pp. 139-148. Disponível em: [http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie\\_climacom\\_vulnerabilidade.pdf](http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf)

LAWRENCE, D. H. *Caos em poesia*. Trad. Vladimir Garcia. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Verão de 2016.

STENGERS, I. Reclaiming Animism. *E-Flux*, N36. 2012. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>

### **14/03 sem aula**

#### **21/03 Labjor-Unicamp (14 às 17h) - PARTE I- Re-escritas, escritas expandidas e escritas cinematográficas**

## **PARTE I - 9 às 12 - apresentação do projeto expandido “Ondas”**

## **PARTE II - 14 às 17 - Projeção do filme experimental: “Sleep Has Her House” de Scott Barley (90min) e oficina de escrita cinematográfica**

Artista Convidado - Sebastian Wiedemann

WIEDEMANN, S. **Ondas: Um experimento em pensamento-cinema. Notas para uma poética da imanência.** UFF: Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

[https://www.academia.edu/25369780/Ondas\\_Um\\_experimento\\_em\\_pensamento-cinema.\\_Notas\\_para\\_uma\\_po%C3%A9tica\\_da\\_iman%C3%Aancia.\\_2015\\_>](https://www.academia.edu/25369780/Ondas_Um_experimento_em_pensamento-cinema._Notas_para_uma_po%C3%A9tica_da_iman%C3%Aancia._2015_>)

FERRAZ, Silvio. **Livro das sonoridades.** [notas dispersas sobre composição] - um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. Disponível em:

[https://www.academia.edu/7779315/Livro\\_das\\_Sonoridades](https://www.academia.edu/7779315/Livro_das_Sonoridades)

## **ATIVIDADE EXTRA - 25/03 19h às 20h30 Cinemateca Brasileira - Palestra “A vida das plantas | Emanuele Coccia” - Feira Plana**

Endereço: Largo Sen. Raul Cardoso, 207 - Vila Clementino, São Paulo

Site: <http://www.feiraplana.org/programacao-lineup>

## **28/03 Labjor-Unicamp (14 às 17h) -**

### **Labjor-Unicamp (14 às 17h) - Do papel como berçário de florestas em tom menor**

*Mesa de trabalho 2: O livro, o chão da floresta: criar um refúgio de experimentação contínua de sistemas em desequilíbrio.* Construção artesanal dos livros-cadernos com papéis reutilizados que serão usados em todas as aulas em produções de escrita, desenho, pintura etc.

## **04/04 Centro Cultural Casarão do Barão (9 às 17h) - Autômatos poéticos em madeira: intensificadores de experiências mínimas, ou de como tornar-se digno de seguir as árvores**

Artista Convidado - Eduardo Salzane

<https://virtuwall.wordpress.com/portfolio/eduardo-salzane/>

<https://www.facebook.com/automatosdusalzane>

## **BLOCO II - DO APRENDER A PENSAR COM A TERRA**

### **11/04 Labjor e praça (a definir) (14 às 17h) A vida das plantas como laboratório especulativo de um estar-imerso-no-mundo**

Mesa de trabalho 3: a ser proposta por um grupo de alunos (coloquem os nomes de vocês)

COCCIA, Emanuele. La vida de las plantas. Una metafísica de la mixtura. Trad. Gabriela Milone. Rev. Fabián Ludueña Romandini. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2017. (p.15-p.76)

**18/04 Labjor e praça (a definir) (14 às 17h) Do ser digno do sol, da terra e da água: ou da capacidade de fazer-mundos**

Mesa de trabalho 4: a ser proposta por um grupo de alunos Rodrigo Reis ([coloquem os nomes de vocês](#))

COCCIA, Emanuele. La vida de las plantas. Una metafísica de la mixtura. Trad. Gabriela Milone. Rev. Fabián Ludueña Romandini. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2017. (p.77-p.122).

**24/04 (18 às 21h) Oficina no Edicc 2018 - Encontro de Divulgação de ciência e cultura**

**25/04 (14 às 17h) - Não haverá aula - Edicc**

**02/05 Labjor-Unicamp (14 às 17h) - Projeto Amazon Face: dos modos como os cientistas ganham intimidade com a floresta**

LAPOLA, David. **CONSEQUÊNCIAS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS NOS BIOMAS DA AMÉRICA DO SUL: UM MODELO DE VEGETAÇÃO POTENCIAL INCLUINDO CICLO DE CARBONO.** São José dos Campos: INPE, 2007. Disponível em: <http://mtc-m16b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m17@80/2007/04.25.18.15/doc/publicacao.pdf>

LAPOLA, David. OVAMA, Marcos D.; NOBRE, Carlos A. Exploring the range of climate biome projections for tropical South America: The role of CO2 fertilization and seasonality. **GLOBAL BIOGEOCHEMICAL CYCLES**, VOL. 23, GB3003, doi:10.1029/2008GB003357, 2009. pp 1-16.

LAPOLA, David et all. Pervasive transition of the Brazilian land-use system. **Nature Climate Change**. PUBLISHED ONLINE: 20 DECEMBER 2013 | DOI: 10.1038/NCLIMATE2056. Pp. 27-35.

LAPOLA, David; Richard J. Norb y. **Amazon Face Project**. Assessing the effects of increased atmospheric CO 2 on the ecology and resilience of the Amazon forest. Brasília: Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação- MCTI, 2014.

**09/05 - Não haverá aula**

**16/05 Centro Cultural Casarão (9 às 17h) Política animal: o apetite pela vida, o eterno mordiscar o novo e a afetividade do brincar**

*Mesa de trabalho 4: Escrever como se fossemos descendente de aranhas e insetos*

Exibição do filme: Territórios do brincar, de Renata Meirelles e curtas dos Irmãos Quay

MASSUMI, Brian. O que os animais nos ensinam sobre política? Trad. Francisco Trento e Fernanda Mello. São Paulo, n-1, 2017. pp.188

**BLOCO III - DA ATENTIVIDADE E RE-LIGAÇÃO COM A MULTIPLICIDADE DE**



## **MODOS DE EXISTÊNCIA**

### **23/05 Labjor-Unicamp (14 às 17h) Quando uma existência são todas as existências**

Mesa de trabalho 5: a ser proposta por um grupo de alunos (coloquem os nomes de vocês)

SOURIAU, Étienne. Los diferentes modos de existência/ Étienne Souriau. prefácio de Bruno Latour e Isabelle Stengers, 1a.ed volume combinado. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Catus, 2017. (p.7-p.105)

### **30/05 Labjor-Unicamp (14 às 17h) Quando existir é fazer existir, é tornar real o que existe**

Mesa de trabalho 6: a ser proposta por um grupo de alunos (coloquem os nomes de vocês)

SOURIAU, Étienne. Los diferentes modos de existência/ Étienne Souriau. prefácio de Bruno Latour e Isabelle Stengers, 1a.ed volume combinado. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Catus, 2017. (p.106-p.225)

### **06/06 Labjor-Unicamp (14 às 17h) Instaurar novos modos de existência**

SOURIAU, Étienne. Los diferentes modos de existência/ Étienne Souriau. prefácio de Bruno Latour e Isabelle Stengers, 1a.ed volume combinado. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Catus, 2017. (p.106-p.225)

## **13/06 Centro Cultural Casarão de Barão**

### **(11 às 12h) Dialogando com a semente de obi ou a floresta: Um convite para conhecer um pouco da nossa Tradição Religiosa e Cultura Yoruba**

Ritual com Faseyi Awogbemi Dada e Glória Freitas. Faseyi Awogbemi Dada é Babalorisa do Templo de Obatala em Ile Ife. Vive e trabalha como Sacerdote Yoruba, Coach Espiritual e herbarista no Brasil. Faz palestras e cursos para os brasileiros. Mantém a page <https://www.facebook.com/igboItapalleIfe/>. Glória Freitas é Doutora em Educação Brasileira, iniciada na bReligião Tradicional Yoruba, esposa de Faseyi, é membro do Templo de Obatala de Ile Ife.

FASEYI, Dhadar; FREITAS, Glória. Dialogando com a semente de obi ou a floresta: Um convite para conhecer um pouco da nossa Tradição Religiosa e Cultura Yoruba. 2017. 9 p.

**(14 às 17:00)** conversa com Faseyi e Glória e escrita a partir do encontro. Mostra dos livros-cadernos-florestas criados durante o semestre.

## **Bibliografia ativadora de relações**

APARICIO, Miguel. As duas velocidades na floresta de Kohn. **Revista de Antropologia da UFsCar**. R@U, 7 (1), jan./jun. 2015: 248-256. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/351887097/As-duas-velocidades-na-floresta-de-Kohn-pdf>

BORDELEAU, Erik. 'In Dream you can't take control': O cinema como sonho e meio da alma. In:

WIEDEMANN, Sebastian; INCARBONE, Florencia. **La radicalidad de la imagen**. Des-bordando Latitudes Latinoamericanas. Sobre alguns modos de cine experimental, 2016, pp. 109-120. Disponível em: [https://www.academia.edu/31466884/La\\_Radicalidad\\_de\\_la\\_Imagen\\_Des-bordando\\_latitudes\\_latinoamericanas.\\_Sobre\\_algunos\\_modos\\_del\\_cine\\_experimental.\\_2016\\_](https://www.academia.edu/31466884/La_Radicalidad_de_la_Imagen_Des-bordando_latitudes_latinoamericanas._Sobre_algunos_modos_del_cine_experimental._2016_)

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundos por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]; Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014. 176p.

DIAS, Susana. **Papelar o pedagógico...**: escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências. [Tese de doutorado]. Faculdade de Educação. Unicamp, Campinas, 2008.

DIAS, Susana. Como celebrar encontros cósmicos com as ciências? In: BRITO, Maria dos Remédios; SANTOS, Helene. **Variações deleuzianas**: educação, ciência, arte e... Disponível em: [https://www.academia.edu/34230554/Como\\_celebrar\\_com\\_as\\_ci%C3%A2ncias\\_encontros\\_c%C3%B3smicos](https://www.academia.edu/34230554/Como_celebrar_com_as_ci%C3%A2ncias_encontros_c%C3%B3smicos)

DIAS, Susana; WIEDEMANN, Sebastian. (a)mares e ri(s)os infinitos: a catástrofe de estar juntos diante da finitude. **Revista ComCiência**, dossiê 194, dez2017-jan2018. Disponível em: <http://www.comciencia.br/amares-e-risos-infinitos-catastrofe-de-estar-junto-diante-da-finitude/>

DIAS, Susana; RODRIGUES, Carolina. Movimentos especulativos em torno de bioindicadores de mídias e mudanças climáticas ou de como dar ao humano a mais intensa potência de existir. **RECIIS** – Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde. 2015 out.-dez.; 9(4) | [www.reciis.icict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17073/2/3.pdf>

DELEUZE, G. Imanência: uma vida. Trad. Tradução de Tomaz Tadeu. **Educação e realidade**, vol. 27, n.2, jul-dez 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. 208p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Trad. De Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, vol1., 1995, 96p. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Trad. De Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, vol4., 1995, 96p. (Coleção TRANS).

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

van DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=6417>

GOMES GRUBER, J. (Org.) **O livro das Árvores**. Benjamin Constant : Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997.

- INGOLD, Tim. **Lines**. Una breve historia. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015.
- KOHN, Eduardo. **How forests think**: toward an anthropology beyond the human. Berkeley: University of California Press, 2013. 267 p. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832015000100411](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100411)
- LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de antropologia**. v. 57, n. 14, 21p, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702/90680>
- LATOUR, Bruno. ¿El cosmos de quién? ¿Qué cosmopolítica? In: Comentarios sobre los términos de paz de Ulrich Beck. **Rev Pléyade**. Dossier Cosmopolíticas. 14; 2015. Disponível em: <http://www.caip.cl/wp-content/uploads/14-Latour.pdf>
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo, n-1, 2017.
- LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1, 2013. (Série future art base).
- LAWRENCE, D. H. **Caos em poesia**. Trad. Vladimir Garcia. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Verão de 2016.
- LAWRENCE, D. H. **Apocalipse seguido de O homem que morreu**. Trad. Paulo Henrique Britto. Pref. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MYERS, Natasha. Conversations on Plant Sensing. Notes From the Field. **NatureCulture** 2015, pp. 35-66. Disponível em: <http://topologicalmedialab.net/wp-content/uploads/2014/11/MyersConversationsOnPlantSensingAugust31Distribution1.pdf>
- SIMONDON, Gilbert. **Sobre la tecnica**: 1953-1983 1a. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2017, 448p.
- STENGERS Isabelle. La propuesta cosmopolítica. **Rev Pléyade**. Dossier Cosmopolíticas.14; 2014. [citado 7 out 2015]. Disponível em: <http://www.caip.cl/wp-content/uploads/14-Stengers.pdf>
- STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes** - resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naif, 2015. 160p.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Floresta de cristal. Notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos de Campo**, N14/15. Sao Paulo: USP, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naif, 1a ed., 2015. 288p.
- WIEDEMANN, Sebastian; INCARBONE, Florencia. **La radicalidad de la imagen**. Des-bordando Latitudes Latinoamericanas. Sobre alguns modos de cine experimental pp. 109-120. Disponível em: [https://www.academia.edu/31466884/La\\_Radicalidad\\_de\\_la\\_Imagen\\_Des-bordando\\_latitudes\\_latinoamericanas.\\_Sobre\\_algunos\\_modos\\_del\\_cine\\_experimental.\\_2016\\_](https://www.academia.edu/31466884/La_Radicalidad_de_la_Imagen_Des-bordando_latitudes_latinoamericanas._Sobre_algunos_modos_del_cine_experimental._2016_)

WORMAN, Dion. **Uma introdução ao pensar como uma floresta.** Disponível em:  
<http://files.cargocollective.com/556035/FLORESTA.pdf> Ver mais em:  
<https://permacultureglobal.org/users/3736-dion-workman>

### **Artistas que movimentam inter-esses nesta disciplina**

Apichatpong Weerasethakul

Eduardo Salzano

Edith Derdyk

Geoffrey Farmer

Hilma af Klint

Irmãos Quay

Joseph Beuys

Sebastian Wiedemann

Walmor Corrêa

### **Palestras em vídeo**

[STENGERS, Isabelle. Cosmopolitics: Learning To Think With Sciences, Peoples And Natures](https://www.youtube.com/watch?v=1I0ipr61SI8)  
<https://www.youtube.com/watch?v=1I0ipr61SI8>

### **Exposições**

**“Disappearing Legacies: The World as Forest”**

[http://www.art-agenda.com/reviews/%E2%80%9Cdisappearing-legacies-the-world-as-forest%E2%80%9D/#.Wr\\_CMeEzhnA.facebook](http://www.art-agenda.com/reviews/%E2%80%9Cdisappearing-legacies-the-world-as-forest%E2%80%9D/#.Wr_CMeEzhnA.facebook)